

Mulheres DJS e desigualdade de gênero: cartografando cenas musicais do Rio de Janeiro a partir de perfis em plataformas de redes sociais¹

Ana Julia de Mattos Teixeira²

Beatriz Brandão Polivanov³

Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento, que investiga a atuação de mulheres DJs na cena musical do Rio de Janeiro, a partir de seus perfis em plataformas digitais. O estudo visa mapear como essas artistas performam suas identidades, divulgam seu trabalho e ocupam espaços na indústria musical. A análise, estruturada em três eixos, corporeidades, sonoridades e territórios, revela tanto os desafios enfrentados quanto as estratégias de resistência e visibilidade dessas profissionais em um setor marcado por desigualdades de gênero.

Palavra-chave: mulheres DJs; gênero; cultura digital; discotecagem.

Introdução

Assim como outros setores da sociedade, a indústria da música é marcada pela desigualdade de gênero. As mulheres representam menos de um terço dos artistas nesta indústria hoje (Trajkovikj, 2022). Polivanov e Medeiros (2020) trazem uma série de dados apontando para dimensões quantitativas, como próprio fato de haver muito menos mulheres no setor musical, e quanti-qualitativas, como o menor reconhecimento que elas costumam receber por seus trabalhos artísticos, que afetam sua inserção, manutenção e permanência enquanto profissionais na indústria.

Apenas recentemente temos observado estudos sistemáticos que vêm problematizando esses e outros aspectos. Temos, por exemplo, no nosso país, o relatório “Por Elas que Fazem a Música”, produzido anualmente pela União Brasileira de Compositores; o “Women Make Music”, conduzido pela PRS Foundation no Reino Unido, mais voltado também para o campo da composição e produção musical; e o “Study on Gender Diversity in the Music Industry and in Music Usage”, feito em parceria pelas fundações Keychange e Malisa sobre a indústria musical na Alemanha de modo mais

¹Trabalho apresentado IJ05 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 6º semestre, Curso de Estudos de Mídia do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense – UFF, e-mail: anmattos@id.uff.br.

³ Orientadora do trabalho e professora do Curso de estudos de Mídias do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense – UFF, e-mail: betariz.polivanov@gmail.com.

amplo. Muitas outras iniciativas podem ser citadas, todas apontando para sua baixa participação, além de outras assimetrias e problemáticas nos modos como as mulheres vão ocupar funções artístico-profissionais na indústria musical. Além disso, a presença e contribuição feminina na história da música foram frequentemente subestimadas ao longo de várias décadas na literatura (Blásquez; Correio, 2019), o que configura um problema de natureza não apenas empírica, mas também epistemológica, que persiste.

Quando se trata de certas funções, como bateristas, DJs (disc-joqueis) e produtoras musicais, sua participação é ainda menor se compararmos a outras – como de cantoras e intérpretes, principalmente devido à construção de um imaginário social que afasta as mulheres das tecnologias (Wajcman, 2007), levando ao que Medeiros (2023) cunhou como “espaços incomuns na música” para elas. A autora argumenta que eles são “caracterizados por barreiras históricas, culturais e sociais que dificultam a participação de mulheres e pessoas identificadas como do sexo feminino” (2023, p. 221) nesses (dentre outros) setores da indústria musical.

Mais recentemente, em 2019, a revista Djane Mag divulgou relato de que “a proporção média de DJs mulheres para homens nas formações [line-ups] de clubs [clubes noturnos] e festivais de música eletrônica é de 1 para 12”. Isto é, a cada doze DJs homens que são contratados como DJs nos eventos temos somente uma DJ mulher. Em 2024, em cenário ainda mais atual e de recuperação da indústria musical ao vivo pós-pandemia de covid-19, a proporção é de 32% mulheres DJs para 68% de DJs homens nos Estados Unidos. Claro está que a desigualdade entre gêneros aqui apontada em diversas facetas é um problema de ordem estrutural e que não advém nem afeta somente a cena de discotecagem nem somente a indústria musical, mas toda a sociedade. Farrugia (2012) aponta que estaria ocorrendo uma gradual mudança neste cenário, com um aumento da participação feminina nesta ocupação, mesmo que o desequilíbrio ainda seja grande.

Focando no Rio de Janeiro, podemos citar a artista Érica Alves, que oferece diversas oficinas e palestras voltadas para o ensino de técnicas de produção e mixagem de sons somente para mulheres (cis e transgênero), ocupando um “espaço incomum” na música, não apenas por exercer as funções de DJ, produtora musical e instrumentista, mas também por estar em uma posição de ensinar outras/os sujeitas/os. Cabe explicar que os/as DJs são responsáveis por selecionar e tocar músicas em festas, mixando-as no que se chama de “sets”, enquanto os/as produtores/as musicais criam suas próprias faixas (comumente referidas como “tracks”). Ainda que haja uma série de diferenças artísticas

e nos modos de funcionamento das atividades, eles possuem reivindicações em comum entre si e também com iniciativas que se dão em outros países: maior presença feminina na participação dos eventos; a criação de espaços seguros para as mulheres não apenas atuarem como DJs, como também para aprenderem o ofício; pagamentos iguais para homens e mulheres; construção de redes de apoio para mulheres que fazem parte da cena e maior visibilidade e legitimidade para os trabalhos feitos pelas mulheres, apropriando-se de plataformas de redes sociais para tal.

Ao longo do desenvolvimento dos projetos de pesquisa anteriores e que resultaram nesse, percebeu-se que é praticamente inexistente a literatura e pesquisa empírica sobre as mulheres DJs do/no Rio de Janeiro. Ademais, ainda que a cultura digital tenha adquirido centralidade para a visibilidade de artistas, não são encontrados estudos sobre como essas artistas performatizam a si mesmas nesses espaços, o que dão a ver/ouvir através de textos e conteúdos audiovisuais e imagéticos em seus perfis. Desse modo, a questão central é: quem são, como se auto-apresentam e como se articulam as mulheres DJs do Estado do Rio de Janeiro em plataformas de redes sociais?

Assim, o intento é analisar as postagens feitas por mulheres DJs em seus perfis públicos na plataforma da rede social Instagram, buscando tornar mais visíveis e audíveis essas sujeitas que são parte relevante, mas ainda pouco reconhecida, da “força movente da música” (Herschmann e Fernandes, 2023). Isso é feito a partir de três eixos:

- corporeidades – que corpos femininos são esses que ocupam os espaços dessas redes e como nelas se apresentam a partir dos cruzamentos de “múltiplas avenidas identitárias” (Akotirene, 2019);
- sonoridades – que sons (re)produzem e como se vinculam a certas cenas musicais urbanas, como da música eletrônica, do hip-hop, pop e atravessamentos entre elas;
- territórios – onde performam enquanto DJs, isto é, quais espaços físicos ocupam em suas atividades profissionais, com foco nos eventos onde tocam (festas, festivais, clubes noturnos etc.).

Até o momento, para a pesquisa, foram coletados trinta perfis de mulheres DJs na plataforma Instagram. Para chegarmos nesses 30 perfis fizemos um percurso que incluiu: a) busca por hashtags como #mulheresdjs #female DJs e correlatas, b) indicação de participantes já contactadas para a pesquisa (conhecida como técnica da “bola de neve” (Handcock e Gile, 2011), c) contatos prévios da pesquisadora Beatriz Polivanov, orientadora desse artigo. Para a análise desses perfis, foi elaborado inicialmente um

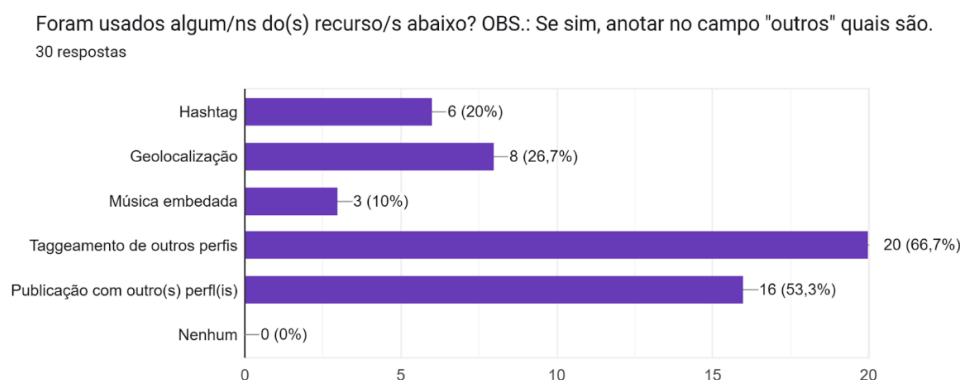
formulário para que pudessemos registrar manualmente informações como o número de seguidores das DJs, a atuação profissional delas dentro da indústria da música, o tipo de publicação, os recursos utilizados (como geolocalização, hashtags, etc.), os espaços onde essas mulheres estão se apresentando no Rio de Janeiro, os sons que tocam/produzem (quais gêneros musicais) e quem são elas em termos de suas corporeidades (com foco principalmente na dimensão de raça).

Apesar de a utilização do formulário ter sido uma ferramenta importante em um momento inicial para conhecermos melhor as sujeitas da pesquisa, recentemente foi realizada também a raspagem dos dados referentes a seus posts, através da ferramenta Zeeschuimer, desenvolvida pelo DMI (laboratório da Universidade de Amsterdã), que permite a obtenção de dados via browser. Em nossa pesquisa esses dados são referentes a todos os posts do perfil das 30 DJs descritas acima, até o dia 24 de novembro de 2024, data em que foi feita a raspagem. Foram coletados cerca de 18 mil posts.

Análises

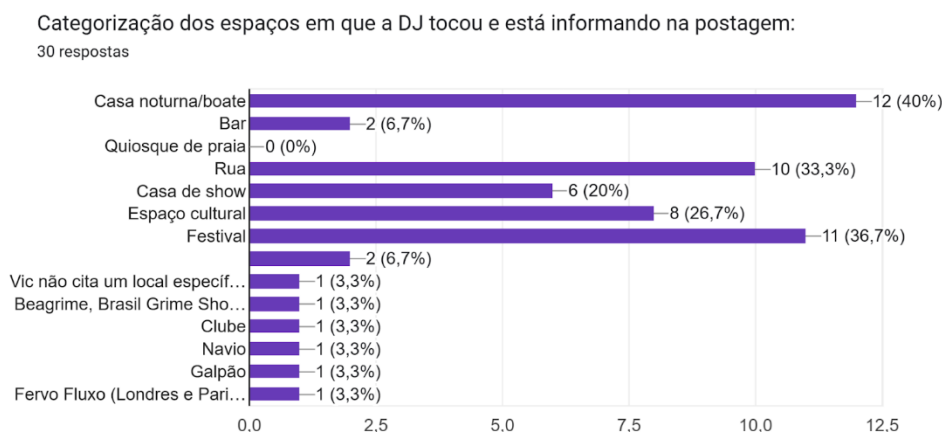
A partir da análise das postagens e do preenchimento do formulário, foi possível compreender de que maneira as DJs estão utilizando essas ferramentas. No gráfico abaixo, observa-se que o uso de marcações em outros perfis é a estratégia mais recorrente. A análise das publicações indica que, na maioria dos casos, os perfis marcados correspondem a locais onde as DJs se apresentaram ou se apresentarão, evidenciando essa prática como uma forma de autopromoção e de presença no meio.

Gráfico 1: recursos de conectividade utilizados nas publicações



Ainda em termos de território, categorizamos alguns dos espaços ocupados pelas Djs.

Gráfico 2: Espaços citados pelas DJs nas postagens



Para identificar os estilos musicais mais recorrentes nas publicações, analisamos as hashtags utilizadas pelas DJs em nossa base de dados. O primeiro passo foi filtrar aquelas diretamente relacionadas a gêneros musicais, descartando hashtags que se referiam a outros eixos como lugares, gênero, raça e outras expressões. Após essa triagem, realizamos uma contagem das menções a cada gênero musical, identificando quais apareciam com maior frequência. Esse processo permitiu compreender quais estilos estão mais presentes na forma como as DJs categorizam e divulgam suas postagens.

Os resultados indicaram que os quatro gêneros musicais mais mencionados foram rap, rock, house e techno. O rap, surgido nos anos 1970 no contexto da cultura hip-hop, caracteriza-se por rimas ritmadas e batidas marcantes, frequentemente abordando temas sociais e políticos. O rock, que teve suas origens nos anos 1950 a partir do blues e do country, consolidou-se como um estilo dinâmico e diverso, marcado por guitarras distorcidas e uma forte identidade sonora. Já o house, nascido em Chicago nos anos 1980, é um dos subgêneros mais influentes da música eletrônica, reconhecido por suas batidas dançantes e vocais repetitivos. O techno, também vinculado à música eletrônica e surgido em Detroit na mesma época, distingue-se por sua estrutura rítmica repetitiva e atmosferas sonoras futuristas, sendo amplamente associado às pistas de dança.

Sob outro aspecto, observamos que muitas publicações continham mais de uma hashtag relacionada a diferentes estilos musicais. Esse padrão sugere uma tendência

crescente de DJs que adotam um formato *open format*, caracterizado por sets que transitam entre múltiplos gêneros musicais, em vez de se restringirem a um único estilo. Essa abordagem permite maior versatilidade nas apresentações e reflete a diversidade de influências presentes no trabalho das artistas. Assim, a predominância das menções aos quatro gêneros destacados não apenas indica suas presenças individuais, mas também sugere um cenário em que a mistura de estilos se torna uma prática comum, ampliando as possibilidades de expressão musical e interação com o público. No entanto, para além da presença online e das escolhas musicais, a realidade da profissão envolve desafios que nem sempre são captados apenas pelos dados.

A fim de entender a realidade dessas mulheres de forma mais ativa foi feita uma entrevista por Google Meet com a DJ Bia Marquês, que atua na cena carioca desde 2013. A conversa, que durou cerca de uma hora, percorreu todos os eixos da pesquisa, permitindo-nos compreender e validar alguns dos desafios enfrentados pelas mulheres na discotecagem. Durante a entrevista, a artista compartilhou episódios nos quais foi insultada por homens da produção, um problema recorrente em sua trajetória profissional. Esses relatos trouxeram uma dimensão ainda mais concreta às dificuldades mapeadas ao longo do estudo, reforçando a necessidade de mais pesquisas e debates sobre o tema.

A entrevista trouxe reflexões fundamentais sobre os desafios enfrentados por mulheres na cena musical. Um dos primeiros pontos destacados pela artista foi a segmentação imposta pela indústria em relação aos estilos musicais. Segundo Bia, é comum que os profissionais sejam categorizados em “caixas” de gêneros específicos, o que limita suas oportunidades. No caso dela, que atua como DJ de *open format*, essa categorização representa um obstáculo, pois, ao tocar funk em um evento, frequentemente passa a ser associada exclusivamente a esse estilo, restringindo sua atuação em outros contextos musicais.

Outro aspecto relevante abordado foi a relação entre corpo, identidade e representatividade feminina. Bia se identifica como “uma mulher lésbica que não performa feminilidade” e relata que, por isso, enfrenta constantemente situações em que homens desvalorizam seu conhecimento e questionam sua competência profissional. Esse relato está alinhado com as discussões de Farrugia (2012), que aponta como as DJs, além de enfrentarem a objetificação, são frequentemente pressionadas a corresponder às expectativas de feminilidade para obter reconhecimento, enquanto seus colegas homens são avaliados prioritariamente por suas habilidades musicais. Em contra partida, Bia

destacou um movimento crescente de mulheres DJs que têm investido em formação técnica para ocupar áreas tradicionalmente masculinas na indústria musical, como as relacionadas à tecnologia e produção sonora.

Destaca-se que as plataformas digitais não são compreendidas apenas como um cenário onde se desenrolam as reivindicações femininas, mas como agentes mediadores dessas dinâmicas. Seguindo a perspectiva de Pereira de Sá (2013), considera-se que as cenas musicais se configuram como atores-redes, compostos por atuentes humanos e não humanos. Assim, as plataformas digitais desempenham um papel fundamental na construção das visibilidades das mulheres DJs e na mediação das dinâmicas culturais que caracterizam essas cenas, influenciando a maneira como essas artistas negociam sua presença e reconhecimento no meio musical.

Conclusões

A pesquisa desenvolvida ao longo deste período contribuiu significativamente para a compreensão da presença e atuação das mulheres DJs na cena musical do Rio de Janeiro, evidenciando as barreiras estruturais e os desafios enfrentados por essas artistas. A partir da análise de perfis em redes sociais e da elaboração de uma cartografia digital, ainda em desenvolvimento, está sendo possível mapear as formas como essas mulheres se apresentam, interagem e constroem suas trajetórias dentro de um cenário historicamente marcado pela desigualdade de gênero.

Os resultados obtidos até agora confirmam que a indústria musical ainda opera sob dinâmicas que restringem a participação feminina, seja pela segmentação imposta em relação a gêneros musicais, seja pela desvalorização de suas habilidades técnicas e artísticas. Relatos como os da DJ Bia Marquês exemplificam como a identidade de gênero e a performance de feminilidade influenciam a recepção e o reconhecimento das DJs, corroborando as discussões de Farrugia (2012) sobre a objetificação e as expectativas impostas às mulheres nesse meio.

Além disso, a pesquisa revelou a importância crescente das plataformas digitais como ferramentas de visibilidade e afirmação profissional. O uso de marcações, hashtags e geolocalização nos perfis analisados demonstra como as DJs têm se apropriado dessas tecnologias para construir redes, divulgar seu trabalho e expandir seu alcance. No entanto, a presença online, apesar de essencial, não elimina os desafios estruturais enfrentados no mercado da música.

Outro ponto relevante identificado é o movimento de mulheres DJs que buscam ocupar espaços tradicionalmente masculinos na indústria musical, investindo em formação técnica e ampliando suas áreas de atuação para além da discotecagem, como na produção musical e na tecnologia do som. Essa tendência pode ser relacionada ao conceito de "espaços incomuns na música" (Medeiros, 2023), evidenciando tanto os avanços quanto as barreiras que ainda persistem.

Dessa forma, a pesquisa não apenas sistematiza dados e reflexões sobre a presença feminina na música eletrônica e em outras cenas urbanas, mas também levanta questionamentos sobre as dinâmicas de exclusão e as estratégias de resistência adotadas por essas artistas. A continuidade desse estudo, com novas entrevistas e análises aprofundadas, poderá contribuir ainda mais para o debate acadêmico e para a construção de um cenário mais equitativo na indústria musical.

Referências

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BLÁZQUEZ, G.; CORREIO, R. “Keep on Moving: Mujeres DJs en la escena electrónica de la ciudad de Córdoba”. *Contracampo – Brazilian Journal of Communication*, v. 38, n. 1, 2019, p. 93-107.

FARRUGIA, R. *Beyond the Dance Floor: Female DJs, Technology and Electronic Dance Music Culture*. Chicago: Intellect Books, 2012.

HERSHMANN, M.; FERNANDES, C. A força movente da música – Cartografias sensíveis das cidades musicais do Rio de Janeiro. Porto Alegre: Sulina, 2023.

MEDEIROS, B. *The Sound of Sisterhood: A Study of Female Musicians Building Networks Against Unusual Spaces in the Global South*. Tese de doutorado defendida em co-tutela entre a Universidade Federal Fluminense e a Universität Tübingen, 2023.

PEREIRA DE SÁ, Simone. As cenas, as redes e o ciberespaço: sobre a (in)validade da utilização de cena musical virtual. In: JANOTTI JR., Jeder; PEREIRA DE SÁ, Simone (orgs). *Cenas Musicais*. Guararema, SP: Anadarco, 2013, pp. 25-40.

POLIVANOV, B.; MEDEIROS, B. Mulheres na indústria da música: do techno ao metal, do “norte ao sul”. In: PEREIRA DE SÁ, S. et al. (org). *Territórios afetivos da imagem e do som*. Belo Horizonte: Fafich, 2020.

WAJCMAN, Judy. *From Women and Technology to Gendered Technoscience*. *Information, Communication and Society*, vol. 10, n. 3, 2007.